

10º CONGREJUFE

– Balanço da Gestão e atuação da Fenajufe

Para enfrentar Bolsonaro, uma nova Fenajufe é necessária

1. O último período foi marcado por duros ataques à classe trabalhadora, com uma ofensiva sem precedentes contra seus direitos. No funcionalismo público, Michel Temer, apesar de toda ilegitimidade, de pífios 3% de popularidade e dos inúmeros escândalos de corrupção, implementou um grande projeto de contrarreforma do Estado e de privatização dos serviços públicos, iniciado a partir do congelamento de gastos públicos por vinte anos, previsto na EC 95/16. A contrarreforma trabalhista foi o ápice da política de destruição de direitos, um retrocesso de décadas. O Poder Judiciário não fica imune a essa ofensiva. O desmonte se expressa das mais diferentes formas: ataques à Justiça do Trabalho, cortes orçamentários, avanço da terceirização, extinção de zonas eleitorais, ameaça de retirada dos quintos, reestruturações com precarização das condições de trabalho.

2. Apesar dessa conjuntura, a Fenajufe, entidade que tem a obrigação de organizar a resistência da categoria em nível nacional, esteve a maior parte do tempo paralisada. A construção da mobilização e de iniciativas de valorização e preservação de direitos dos trabalhadores do PJU ficou em segundo plano ao longo da gestão que caminha para seu encerramento. A luta em unidade com as demais categorias e movimentos sociais contra os ataques a direitos ocorreu absolutamente à margem da entidade, organizada pelos sindicatos de base combativos em alguns estados, sem liderança da Federação. As disputas burocráticas de espaço foram, infelizmente, o centro de atuação da atual gestão.

3. Concorreu decisivamente para esse balanço negativo o ingresso, na direção da entidade, de setores nitidamente anti-sindicais e, inclusive, compostos por dirigentes que chegaram a furar aquela que foi a maior greve da história da categoria, realizada em 2015 (coletivos “Liberta Fenajufe” e “Fenajufe Sem Correntes”). É trágico, mas forçoso salientar que, dentre esses colegas, houve aqueles que defenderam abertamente a candidatura Bolsonaro nas últimas eleições, candidatura profascista que atacou mulheres, indígenas, negros(as) e LGBTQTS, defendeu abertamente a retirada de vários direitos e ameaçou inclusive os sindicatos que a Federação tem como dever representar. No DF, a eleição do governador, candidato de Bolsonaro, contou com forte apoio de alguns desses agrupamentos. Lamentável, ainda, que os setores CUTistas (entendidos por nós como necessários no enfrentamento a Temer e, mais ainda, ao governo Bolsonaro), tenham em boa parte da gestão, tolerado e até mesmo se aliado a tais coletivos, de direita, em nome da disputa com o Luta Fenajufe. Se, por um lado, o avanço de Bolsonaro e sua eleição rompeu essa “aliança”, por outro lado, não há como ignorar determinados acontecimentos ao fazer o balanço da atuação da Fenajufe.

4. Não obstante o desafio prioritário de construir a resistência contra a retirada de direitos e precarização das condições de trabalho, não foram poucas as reuniões de direção, plenárias ou ampliadas em que essa unidade priorizou iniciativas de ataque

10º CONGREJUFE

aos demais grupos políticos organizados na categoria. Como exemplo, tivemos as diversas tentativas de impedir o rodízio democrático entre dirigentes titulares e suplentes dos demais coletivos.

5. A disputa do aparato chegou a níveis subterrâneos em um dos mais lamentáveis episódios da história da Federação, quando a união de CUT, Liberta Fenajufe e Fenajufe Sem Correntes aprovou, em reunião ampliada, proposta extemporânea, que não constava da pauta, sem base no estatuto da entidade, para afastar sumariamente um dirigente legitimamente eleito no congresso da categoria. O grave precedente foi consumado apenas em torno das 22 horas, quatro horas após o horário previsto para o término da reunião e quando várias delegações já haviam embarcado para seus estados de origem. Um ataque à democracia interna, um golpe sem precedentes em mais de 20 anos de história da Fenajufe, buscando forjar uma maioria ilegítima e tomar de assalto a entidade e, de quebra, atender aos interesses particulares de setores na disputa pela direção do Sindjus-DF, comandado pelo coletivo “Fenajufe Sem Correntes”. A absurda medida levou a disputa da Fenajufe aos tribunais, com uma longa (e ainda em andamento) batalha judicial, desgastando a entidade e retirando o foco da necessária luta em defesa de nossos direitos.

6. Os reflexos da política divisionista não se limita, infelizmente, à disputa de espaço com os demais coletivos que compõem a diretoria: assistimos a uma onda crescente de tentativas de criação de sindicatos por cargos e segmentos, como oficiais de justiça e analistas judiciários. Não há dúvida do prejuízo que o divisionismo pode trazer à categoria em médio e longo prazo, e a resposta a esse problema só pode nascer do diálogo e da produção de política voltada à construção da unificação das demandas em torno de uma luta comum: em lugar disso, contudo, lideranças do dos coletivos “Liberta Fenajufe” e “Fenajufe Sem Correntes” dedicaram-se a atacar determinados segmentos e, paradoxalmente, apostar na convocação de diversas atividades específicas dos cargos que compõem a carreira dos servidores do PJU e MPU.

7. É lamentável que no período de maior dificuldade da categoria em vários anos, nossa entidade nacional tenha se mostrado incapaz de dirigir a luta dos trabalhadores do PJU e MPU em todo país. No momento de maior necessidade de unidade e mobilização, foram o sectarismo, a fragmentação e o imobilismo que conduziram a atuação da Fenajufe.

8. O futuro nos reserva dias piores. A eleição de Bolsonaro e a aplicação de um programa de governo de fortes restrições democráticas e um ajuste econômico jamais visto até então serão o maior desafio da história da Fenajufe e nossas entidades de base. A direita anti-sindical será um adversário presente em nossas entidades, aumentando o grau de dificuldade para construção da luta. O enfraquecimento da Federação nitidamente é um dos seus objetivos, chegando a ocorrer propostas de desfiliação em alguns sindicatos, como o Sindjus/DF, em que a base da categoria deu um sonoro “NÃO” à tentativa de divisão.

9. A tentativa de enfraquecimento de nossa entidade nacional aparece, no Congrejufe, a partir de propostas anti-democráticas apresentadas pelos mesmos

10º CONGREJUFE

coletivos anti-sindicais que flertam com o bolsonarismo, como a defesa da majoritariedade na direção da Federação, buscando excluir do comando da Fenajufe determinados setores e deixar, a um único grupo, a decisão sobre os rumos da luta da categoria. No momento em que o conjunto da sociedade precisa se mobilizar para impedir restrições democráticas na política nacional, não é aplicando essa mesma lógica na Federação que conseguiremos avançar. É necessário repudiar a tentativa de hegemonismo e responder no sentido contrário: apenas com MAIS democracia em nossas entidades conseguiremos retomar a representatividade e o protagonismo necessárias na condução da categoria. Nessa linha, a proposta de criação do Conselho Geral de entidades de base, que reuniria todos os sindicatos filiados e a direção executiva (nos moldes da chamada “ampliadinha”, até agora não incluída no estatuto) ajudaria a debater democrática e coletivamente as demandas da categoria com respeito àqueles que são a razão de existir da Fenajufe: seus sindicatos de base. Da mesma forma, a retomada e estabelecimento de periodicidade para convocação das reuniões ampliadas, com discussão da pauta na base da categoria, é também necessária e urgente.

10. A unidade dos coletivos e sindicatos combativos é uma necessidade para fortalecer a Fenajufe e nossos sindicatos de base. A experiência ruim da atual gestão da Federação e as consequências nocivas para organização da categoria devem servir de lição e aprendizado. As divergências existem e seguirão existindo, mas necessariamente precisarão ser postas de lado e, nossa luta, tratada como prioridade. A construção da frente de sindicatos “Fenajufe pela Base”, impulsionada por entidades de diversos estados, foi um avanço importante para organizar iniciativas de defesa da categoria, mas insuficiente agora para o enfrentamento ao governo protofascista de Bolsonaro. É necessário que todos os setores progressistas e as diferentes centrais sindicais presentes na direção da Federação – CUT, CTB e CSP Conlutas – atuem em permanente unidade, respeitando as diferenças, mas colocando nossas pautas comuns acima delas. Juntos e ao lado do conjunto dos movimento sociais e demais categorias da classe trabalhadora, podemos vencer.

COLETIVO LUTA FENAJUFE

Cristiano Bernardino Moreira

ENDOSSOS

Henrique Sales Costa
Rafael Scherer
Saulo Arcangeli
Ana Luíza Figueiredo
Tarcísio Ferreira
Rodrigo Mércio
Cristiano Moreira

10º CONGREJUFE

Ruy Almeida

10º CONGREJUFE
